

## EM DEFESA DE UMA VISÃO EVOLUCIONÁRIA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

---

**Tiago Nasser Appel**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

E-mail: tiagoapple@yahoo.com.br

**Resumo:** Este artigo oferece uma visão evolucionária da violência contra a mulher e desenvolve, a partir das biólogas Barbara Smuts, Patricia Gowaty e outros, uma teoria evolucionária do patriarcado. Primeiro introduzimos a sociobiologia e explicamos como o conflito entre as estratégias reprodutivas masculina e feminina pode tão facilmente levar à violência. Na sessão seguinte reforçamos com o estudo dos chimpanzés – nossos parentes vivos mais próximos – a ideia de que muito do comportamento humano é derivado de milhões de anos de adaptações evolutivas. Feito isso, apresentamos um modelo evolucionário da violência contra a mulher para depois, na conclusão, esboçar uma teoria evolucionária do patriarcado.

**Palavras-Chave:** feminismo evolucionário; sociobiologia; violência.

**Abstract:** This article offers an evolutionary view of violence against women and develops, bearing on biologists Barbara Smuts, Patricia Gowaty and others, an evolutionary theory of patriarchy. We first introduce the reader to sociobiology and explain how conflicts between male and female reproductive strategies can so easily lead to violence. In the next session, we bear on the chimpanzees – our closest living relatives – to reinforce the idea that human behavior derives from millions of years of evolutionary adaptations. Then, we present evolutionary theories that address violence against women. Finally, in the conclusion we put everything together to better present an evolutionary model of patriarchy.

**Key words:** evolutionary feminism; sociobiology; violence.



## Apresentação

Neste artigo oferecemos ao leitor uma visão evolucionária da violência contra a mulher. Por visão evolucionária entendemos uma perspectiva que incorpore os avanços recentes da biologia evolucionária, da primatologia e da sociobiologia, esta última podendo ser definida, grosseiramente, como a aplicação da teoria darwinista ao campo do comportamento social. Defendemos desde o princípio a posição de que há diferenças “biológicas/herdadas” entre os sexos – já que a seleção natural recompensou de forma diferenciada determinados comportamentos, mormente no que tange à agressividade e ao comportamento sexual – e que estas diferenças são *fundamentais* para um melhor entendimento da coação e violência sexuais.

Na primeira sessão oferecemos uma introdução à sociobiologia e explicamos como o conflito entre as estratégias reprodutivas masculina e feminina pode tão facilmente levar à violência. Na sessão seguinte reforçamos com o estudo dos chimpanzés – nossos parentes vivos mais próximos – a ideia de que muito do comportamento humano é derivado de milhões de anos de adaptações evolutivas. Feito isso, apresentamos um modelo evolucionário da violência contra a mulher para depois, na conclusão, esboçar uma teoria evolucionária do patriarcado.

## Sociobiologia e violência

A lógica por trás da sociobiologia é relativamente simples: a explicação última do comportamento de uma espécie ou indivíduo é derivada de como este comportamento ajudou a maximizar o seu sucesso reprodutivo. Quem primeiro popularizou esta lógica foi o biólogo inglês Richard Dawkins, em sua obra *O Gene Egoísta* (1976)<sup>1</sup>. Dawkins pediu aos leitores que imaginassem os indivíduos como *máquinas de sobrevivência* programadas por seus genes, já que os genes seriam a sua única parte verdadeiramente imortal, transferida ao longo das gerações. Para uma máquina individual, qualquer outra *máquina de sobrevivência* é necessariamente ou algo a ser explorado (comido, por exemplo) ou um inimigo, isto é, algo que possa diminuir suas chances de sobrevivência/reprodução.

Dentro desta lógica, para o gene egoísta a violência faz sentido se os *benefícios esperados* da violência forem maiores que os *custos esperados*. Em outras palavras, como bem coloca Pinker em sua análise da obra de Dawkins,<sup>2</sup> a violência é sempre uma questão de *estratégia*. Isto explica, por exemplo, por

1 Dawkins popularizou conceitos que apareceram primeiramente em *Sociobiologia: uma nova síntese* (1975), de E. O. Wilson.

2 Pinker (2011, p. 37).

que o infanticídio é tão comum no mundo animal<sup>3</sup> – já que os filhotes não podem revidar –; por que a maior parte das brigas entre machos geralmente não resulta em morte – uma batalha até o fim seria arriscada demais –; e por que algumas espécies, dotadas de grandes cérebros, conseguem planejar, emboscar, e matar em antecipação.

A lógica da sobrevivência dos mais fortes a princípio não deveria discriminar entre machos e fêmeas. Afinal, não esperamos que uma tigresa devore um cervo com menos ferocidade que um tigre. Posto de outro modo, a necessidade de comer e de disputar com rivais que buscam a mesma comida é uma força de seleção natural tão forte nas fêmeas quanto nos machos. Todavia, os biólogos há muito já constataram que, principalmente entre os mamíferos, os machos tendem a ser maiores que as fêmeas; tendem a ser mais agressivos, ter caninos e garras mais compridas etc.

Se perguntássemos a um fisiologista, por exemplo, o motivo da diferença de agressividade, ele poderia responder dizendo que os machos têm mais testosterona. Entretanto, um biólogo evolucionário não ficaria satisfeito com esta resposta, alegando que a testosterona seria apenas uma causa *próxima*, não *última*, da agressividade; afinal, perguntaria, por que os machos vieram a ter em média mais testosterona? É aqui que entra o conceito de *seleção sexual*, um tipo de seleção natural em que alguns indivíduos logram mais sucesso reprodutivo por garantir mais/melhor acesso ao sexo oposto ou, como Darwin teria definido de modo menos formal, a “*luta entre indivíduos de um sexo, geralmente os machos, pela posse de outro*”.

A razão pela qual a competição entre os machos por fêmeas é geralmente maior do que a competição entre fêmeas por machos é de fácil compreensão. Na maior parte das espécies, o investimento das fêmeas em seus filhos é muito maior que o dos machos (TRIVERS, 1972). Isto é bem patente nos mamíferos, pois as mães mamíferas precisam gestar os filhos e depois amamentá-los. Assim, um macho mamífero que acasala com várias fêmeas pode em muito aumentar o seu sucesso reprodutivo. Já uma fêmea mamífera que acasala com vários machos não conseguirá multiplicar tanto assim os seus descendentes. Desse modo, é como se a capacidade reprodutiva feminina fosse um recurso escasso pelo qual os machos competissem.

A competição entre os machos fica ainda mais clara se lembrarmos que, em espécies poligínicas (união de um macho com várias fêmeas), o fato de um

---

3 O infanticídio é de longe a principal causa de morte violenta entre a maioria das espécies. No caso dos leões, por exemplo, aproximadamente 25% dos filhotes são mortos por machos estranhos. Já entre os gorilas e macacos langures esta cifra pode chegar a 40% (ver Mesnick, 1997).

macho dominante ter monopolizado várias fêmeas em seu *harém* significa que vários outros machos vão ficar sem nenhuma *parceira* e vão perecer sem deixar descendentes. É por isso que normalmente o sucesso reprodutivo entre os machos é muito mais variável que entre as fêmeas.<sup>4</sup> Isso gera uma competição feroz entre os machos por fêmeas que seleciona os machos maiores, mais fortes e agressivos. Neste sentido, os biólogos descobriram que nos mamíferos a diferença de tamanho entre o macho e a fêmea é proporcional à agressividade da competição entre machos. Por exemplo, como coloca Diamond, em *The Rise and Fallof the Third Chimpanzee* (1991), os machos e fêmeas do macaco gibão são do mesmo tamanho, pois são monogâmicos; já os gorilas, que andam com haréns de 3-6 fêmeas, têm quase o dobro do tamanho das fêmeas; mas nos elefantes marinhos do sul, cujo harém pode conter mais de 40 fêmeas, os machos são 4-5 vezes maiores. É por isso que Diamond brinca que se um alienígena fosse classificar o comportamento sexual dos humanos com base no dimorfismo entre homens e mulheres (homens têm aproximadamente 15% mais massa corporal), diria que a espécie humana é ligeiramente poligínica.

As diferenças de esforço reprodutivo entre machos e fêmeas também deram origem às teorias evolucionárias da *coerção sexual*, cuja expressão máxima seria o estupro. Na coletânea de artigos *Sexual Coercion in Primates and Humans: na evolutionary perspective on male aggression against females*,<sup>5</sup> vários autores observam como as estratégias dos machos e das fêmeas evoluem em resposta a um conflito reprodutivo que é praticamente inevitável no mundo animal. Segundo Jana Watson- Capps (2009), o conflito sexual é comum por causa da gritante diferença entre o tamanho do esperma e dos óvulos, diferença esta que leva a estratégias conflitantes para se maximizar o sucesso reprodutivo. Por causa deste conflito, a fêmea pode ser coagida a acasalar com, por exemplo, cinco machos ao invés de um, sendo que um (1) poderia em determinados casos ser o *número ótimo* para ela, uma vez que os custos da reprodução tornam a fêmea muito mais *seletiva*.

Pode-se pensar que o estupro ou a tentativa de estupro é o único resultado provável deste antagonismo sexual. De fato, o estupro já foi documentado em várias espécies de animais<sup>6</sup> e, naquelas onde não há nenhum tipo de *cor-tejo*, ocorre o que Clarke et. al. (2009) chamam de uma verdadeira *corrida*

---

4 Em sociedades humanas que permitem a poliginiater mais de uma mulher é uma marca de status e riqueza. Acredita-se que Maomé tinha 16 esposas e seis concubinas, mas este é um número muito modesto comparado com o Rei Bíblico Salomão, que tinha 700 esposas. Já o sultão de Marrocos Moulay Ismail teria tido 888 filhos. Em David Smith, *The Most Dangerous Animal: human nature and the origins of war* (2007, Prefácio).

5 Editada por Martin Muller e Richard Wrangham (2009).

6 Em pássaros, como patos e gansos; em insetos, como nos besouros aquáticos; e mesmo em primatas, como no caso paradigmático dos orangotangos (CHERYLKNOTT, 2009).

*armamentista evolucionária*: a reprodução em algumas espécies de besouros aquáticos, por exemplo, é em si mesma um *sistema de estupro*, em que as fêmeas desenvolvem uma variedade de *formatos de corpo* para impedir que os machos consigam copular.

No entanto, na maioria dos mamíferos o custo da coação sexual explícita e/ou o custo da resistência à coação podem ser muito altos de forma que estratégias mais complexas se desenvolvem. De qualquer forma, nos mamíferos, mormente nos primatas, as estratégias das fêmeas geralmente produzem um resultado *second-best*, ou seja, uma situação em que a violência contra elas é minimizada, mas que mesmo assim não lhes é ideal. Em um artigo seminal, Smuts e Smuts (1993) relataram como algumas espécies de primatas usam a violência ou a ameaça de violência de modo estratégico para maximizar seu sucesso reprodutivo. Definindo *coerção sexual* como o “uso, por um macho, de força, ou ameaça de força, para aumentar as chances de que a fêmea acasale com ele em seu período fértil, ou para diminuir as chances de que ela acasale com outro macho durante esse período, gerando algum custo reprodutivo para a fêmea” (SMUTS e SMUTS, 1993, p. 2-3), os autores lançaram luz sobre vários comportamentos entre os primatas. Tornou-se possível, por exemplo, entender o infanticídio como uma espécie de coerção sexual: o gorila que mata o filho da mãe gorila com quem quer acasalar faz isso para que ela reinicie o ciclo reprodutivo mais rápido. Paralelamente, o chimpanzé que espanca a fêmea aumenta seu sucesso reprodutivo porque os reiterados ciclos de espancamento fazem com que ela diminua a resistência no futuro. De fato, estudos como o de Muller, Kahlenberg e Wrangham (2009), sobre chimpanzés, e o de Swedell e Schreier (2009), sobre o babuíno-sagrado (*Papio Hamadryas*), mostram que, na média, machos individuais têm mais relações sexuais com as fêmeas contra a qual foram agressivos do que com as fêmeas que não agrediram.

É claro, as fêmeas muitas vezes são eficazes em desenvolver estratégias para diminuir a coerção. A feminista evolucionária Sarah Hrdy (1979) já aventou há tempo a hipótese de que a *promiscuidade* feminina foi desenvolvida como resposta ao infanticídio. Este parece ser o caso das chimpanzés, que nos períodos férteis copulam com vários machos no que seria uma estratégia para confundir a paternidade. Isto explicaria, por exemplo, porque o infanticídio é mais comum entre gorilas do que entre chimpanzés. Igualmente, as chimpanzés que copulam com vários machos, mas que dão ligeira preferência aos machos de *maior status*, podem ao mesmo tempo confundir a paternidade e garantir proteção extra dos machos dominantes contra outros machos. Já as fêmeas de babuíno fazem “amizade” com machos individuais para diminuir a agressão vinda de outros (PALOMBIT, 2009).

Mas talvez o maior exemplo de contra-estratégia feminina seja o das fêmeas de bonobo, uma espécie anatomicamente muito parecida com os chimpanzés, e também conhecida como chimpanzé-pigmeu.<sup>7</sup> Os bonobos são citados pelos tipos mais variados de pesquisadores, ativistas, e curiosos como os primatas matriarcais, *new age*, os primatas *makelove*, *notwar*, etc. Nos bonobos, a agressão dos machos contra as fêmeas é grandemente diminuída devido à existência fundamental de *alianças entre as fêmeas* que, diferentemente das chimpanzés, não vivem isoladas em grupos com maioria de machos.<sup>8</sup> De qualquer forma, já deve ter ficado claro que nos primatas as contra-estratégias femininas são sempre no sentido de tentar liberar-se da armadilha definida pelos interesses masculinos. Mesmo quando as fêmeas mostram preferência por *machos demoníacos*, é porque esses oferecem melhor proteção *contra outros machos*. Ou seja, se não existisse a violência masculina por conta da reprodução, todo esse stress ou *corrida armamentista* seria desnecessário.

### **Patriarcado nos chimpanzés?**

Os autores de obras tão diversas como *Sexual Coercion in Primates and Humans, Machos Demoníacos* (WRANGHAM e PETERSON, 1996) e *Treof Origin: what primate behaviour cantellus about social evolution* (De Waal, 2001), entre outras, compartilham todos da mesma opinião: humanos e grandes primatas não-humanos são apenas diferentes espécies de primatas.<sup>9</sup> O comportamento empático e cooperativo é contínuo entre essas espécies e os humanos, bem como seu comportamento destrutivo. Com efeito, uma das hipóteses centrais de Wrangham e Peterson é a ideia de que a história da violência, nos humanos, remonta a milhões de anos atrás, aos nossos ancestrais. Conquanto nossos ancestrais estejam há muito tempo mortos, a evolução “deixou” parentes próximos, em especial os chimpanzés – com quem compartilhamos mais de 98% do DNA –, parentes estes que, caso tenham preservado muito do comportamento dos nossos ancestrais, podem nos dar uma pista de como nos comportávamos no passado. O chimpanzé é de longe o melhor candidato porque sua “linha” evolutiva divergiu da dos humanos há apenas 5-7 milhões de anos,<sup>10</sup> enquanto os orangotangos e gorilas divergiram bem antes; e principalmente, porque os chimpanzés são considerados uma espécie muita

7 Malgrado sejam apenas um pouco menores que os chimpanzés.

8 Sobre o menor nível de agressividade entre os bonobos, ver De Waal e Lanting (1997).

9 Em biologia, humanos, gorilas, orangotangos, chimpanzés e bonobos todos fazem parte da mesma família, conhecida como hominidae, ou grandes primatas.

10 Tanto que cientistas como Jared Diamond (1991) alegam que humanos e chimpanzés deveriam ser classificados no mesmo gênero, como fica claro quando ele se refere aos humanos, no título de sua obra, como “o terceiro chimpanzé”.

conservadora, no sentido de que sua adaptação essencial a florestas tropicais na África permitiu que a espécie e seus ancestrais não mudassem muito nos últimos 8-10 milhões de anos.<sup>11</sup> Assim, é possível que os nossos ancestrais comuns, há cerca de seis milhões de anos atrás, não fossem muito diferentes dos chimpanzés: o acontecimento inesperado foi o movimento gradual de alguns desses primatas das florestas tropicais em direção aos campos, dando início à linhagem dos primatas que bem mais tarde tornar-se-iam humanos.

Existe também a possibilidade, aventada pelo primatólogo Frans de Waal (2001), de que nossos ancestrais primatas tenham se parecido mais com os bonobos do que com os chimpanzés. Mas, como bem coloca Pinker (2011), a teoria de que evoluímos de um ancestral pacífico semelhante aos bonobos apresenta três dificuldades: (i) os bonobos habitam regiões relativamente pequenas à margem sul do Rio Congo e boa parte de seu comportamento mais pacífico se deve a pressões alimentares menores (não há gorilas para disputar alimentos como no caso dos chimpanzés), que permitem grupos maiores e alianças mais bem sucedidas entre as fêmeas; (ii) o comportamento dos bonobos é exceção entre os primatas, bem como sua anatomia, que demonstra diferenças entre os sexos reduzidas; (iii) estas diferenças, por sua vez, junto com recentes dados bioquímicos, indicam que os bonobos desviaram da linha evolutiva do *chimpanzé ancestral* bem depois que os humanos já tinham se desviado da mesma.<sup>12</sup>

Pois bem, até a década de 1970, a ideia de que primatas ou outros animais pudessem matar por motivos que não a sobrevivência imediata raramente era considerada nos meios acadêmicos. Com efeito, os primeiros relatos da famosa primatóloga Jane Goodall<sup>13</sup> sobre o comportamento dos chimpanzés – Goodall foi uma das primeiras acadêmicas a observar os chimpanzés de perto, e instalou sua base em um setor do parque nacional de Gombe, na Tanzânia, em 1960 – haviam revelado comunidades que interagiam *grosso modo* pacificamente. É claro, como qualquer outra espécie que é organizada em sociedades de fissão-fusão, grupos pequenos de chimpanzés às vezes se separam em busca de comida e vão até as margens de seu *território*. Goodall havia observado que quando os chimpanzés encontravam um grupo competidor nessas margens, sua interação era sempre hostil: os chimpanzés gritavam e balançavam galhos em clara demonstração de excitação e hostilidade. No entanto, esses rituais dificilmente desembocavam em contato físico violento, o que havia convencido Goodall e seus leitores de que eles formavam uma

---

11 Ver Wrangham e Peterson (1996, p. 47).

12 De fato, as hipóteses mais recentes indicam que este desvio que iria dar origem aos bonobos modernos ocorreu apenas há aproximadamente 1,3 milhão de anos (Morris, 2014, p. 405).

13 *My friends the wild chimpanzees* (1969).

sociedade pacífica.

No entanto, em meados dos anos 1970 alguns eventos mudariam para sempre essa visão idílica dos chimpanzés.<sup>14</sup> A comunidade inicial de Gombe, conhecida localmente como Kasekela, subitamente começou a se dividir em dois grupos. Chimpanzés que haviam sido criados na mesma comunidade começaram crescentemente a se ver como inimigos. As divisões ficaram tão extremas que os subgrupos passaram a ser classificados como comunidades diferentes: Kasekela no norte e Kahama no sul. Em suas *patrulhas diárias*, os machos de cada comunidade a princípio mantiveram o comportamento esperado: apenas grunhidos e provocações após os encontros nas margens. No entanto, entre 1974 e 1978, vários ataques letais tiveram lugar quando machos de Kasekela encontraram outros machos vagando sozinhos ou, menos frequentemente, fêmeas sozinhas ou acompanhadas de apenas um (1) outro macho. Praticando a *violência estratégica* do gene egoísta, os machos demônios aproveitaram-se do desequilíbrio de forças para eliminar progressivamente rivais da outra comunidade de forma que a comunidade Kahama foi praticamente *exterminada*, os chimpanzés do Norte expandiram seu território e mais tarde tiveram embates similares com novas comunidades ao sul.

Como bem relata Pusey (2001), interações agressivas entre comunidades foram a partir de então registradas em outros estudos de longo-prazo: relatos de machos assassinos vieram de ao menos nove comunidades nas florestas equatoriais africanas e em algumas comunidades mais de um terço dos machos tiveram morte violenta.<sup>15</sup> A mais recente destas “guerras” (ou massacres) de chimpanzés ocorreu em Uganda: entre 1998 e 2008 aparelhos de GPS puderam registrar dúzias de ataques e 21 *homicídios* praticados pela comunidade Ngogo, que eventualmente anexou o território inimigo.<sup>16</sup> Hoje sabemos que os chimpanzés machos cooperam – fazem alianças – na forma de hostilidades intercomunitárias muito semelhantes, por exemplo, àquelas praticadas por sociedades *primitivas*.<sup>17</sup> Sabemos também que os chimpanzés, junto com os humanos, são as únicas espécies capazes de prever possíveis ameaças de

14 A descrição abaixo sobre as observações de Goodall é baseada em Anne Pusey (2001, p. 17 ss.).

15 Para relatos parecidos, ver Wrangham e Peterson (1996, p. 23-35) e Pinker (2011, p. 40-41).

16 Em Morris (2014, p. 401).

17 Um grupo crescente de autores (e. g., WRANGHAM, 1999; VAN DER DENNEN, 2002; ROSCOE, 2007) vê similaridades entre a guerra “primitiva” e a agressão inter-grupos nos chimpanzés. Eles propõem que nas duas espécies as comunidades competiriam por terra, alimentos e parceiros sexuais e que, debilitando ou eliminando seus rivais, os machos beneficiariam somática e reprodutivamente a sua comunidade. Além disso, os autores sugerem que em ambas as espécies a violência propriamente dita aconteceria majoritariamente em contextos bem específicos de desequilíbrio de poder (vide a *imbalance-of-power hypothesis* de Wrangham, 1999), onde não há risco para os agressores.

comunidades vizinhas e atacá-las antecipadamente (WRANGHAM, 1999). Numa lógica remanescente daquela de Hobbes, em o *Leviathan*, os chimpanzés e os humanos atacam não só pelo prazer imediato ou pela escassez de recursos, mas sim porque têm *bons motivos* para esperar que os outros os ataquem no futuro, e assim antecipam a possível ameaça. Aliás, esta lógica é a mesma lógica das guerras, segundo a teoria realista das relações internacionais: um país ataca outro porque tem medo de que ele fique forte demais.

Hoje também sabemos que a sociedade chimpanzé é altamente hierárquica, e os machos estão a todo tempo fazendo alianças com outros machos para manterem seu posto na hierarquia ou para nela ascender. Naturalmente, na maior parte dos casos estas alianças envolvem mais afagos do que escaramuças, mais compartilhamento de comida do que disputas por ela. Posto de outro modo, não podemos esquecer – tal como Frans de Waal descreveu no clássico *Chimpanzee Politics*(1982) – que os chimpanzés têm tantos instrumentos de reconciliação como de disputa e que a complexidade de suas relações amiúde lembra a dos humanos.

As relações de dominação e as hierarquias são mais difíceis de observar nas fêmeas porque o padrão de dispersão entre os chimpanzés permite que os machos se relacionem mais entre si: após atingir a puberdade, as fêmeas passam a visitar outras comunidades com frequência crescente até o ponto em que efetivamente migram. Acredita-se que assim elas diminuam os custos reprodutivos associados ao acasalamento com parentes, que tendem a deixar descendentes menos férteis. O relativo isolamento feminino, portanto, impede que as fêmeas formem laços sociais tão fortes quanto os machos, que permanecem dentro de seu grupo natal mesmo após adultos. Todavia, isto não quer dizer que não haja hierarquia entre as fêmeas. Anne Pusey (2001) observou que as fêmeas de maior status numa comunidade tendem a viver mais e seus filhos têm maiores chances de sobreviver. Além disso, suas filhas amadurecem bem mais cedo do que as filhas de fêmeas de baixo status, revelando que provavelmente tiveram melhor acesso à comida.

De qualquer forma, nas comunidades de chimpanzés os machos, mesmo os de *menor status*, são dominantes em relação a todas as fêmeas (comem primeiro, por exemplo). Neste sentido, podemos dizer que os chimpanzés machos adultos lideram uma espécie de patriarcado em que seu status nunca é desafiado pelas fêmeas. As fêmeas em período fértil dificilmente recusam convites de machos e os machos de maior status eventualmente

monopolizam as fêmeas, ameaçando tanto elas quanto seus rivais.<sup>18</sup> Paralelamente, a sociedade dos chimpanzés é inteiramente estruturada na forma de alianças entre machos. Como brilhantemente coloca Frans de Waal (2001, p. 62):

os chimpanzés machos caçam juntos, entram em brigas por território, e desfrutam de uma camaradagem meio-competitiva, meio-amigável. Sua existência eivada de cooperação e conflito lembra a do macho humano que, em sociedades modernas, se junta a outros machos em corporações que competem com outras corporações. Em relação a laços entre machos e política, os chimpanzés parecem ter, de todos os primatas, a organização social mais parecida com a dos humanos.

### Uma visão evolucionária da violência contra a mulher

Defendemos aqui que a teoria evolucionária pode nos levar a um entendimento mais completo da violência contra a mulher. Afinal, o feminismo e a teoria evolucionária têm vários pontos em comum: ambos estudam conflito, sexo e poder.

Sabemos que o feminismo, particularmente o feminismo liberal dos anos 1960 e 1970,<sup>19</sup> sempre denunciou o casamento como uma instituição de privilégios masculinos, uma instituição que tradicionalmente incluiu severa e persistente violência contra a mulher, dentro de um contexto de contínua intimidação e coerção, em meio a tentativas de dominação e controle da mulher (COUNTS, BROWN e CAMPBELL, 1992). Este *sentimento de propriedade sexual* (*sexual proprietariness*) que os homens historicamente tiveram sobre as mulheres geralmente foi analisado como produto de instituições, sobretudo porque ele sempre foi sancionado pelas leis de adultério. Em sociedades tradicionais, o adultério é universalmente definido como contato sexual ilegítimo envolvendo uma mulher casada e é universalmente considerado uma ofensa contra *seu marido*; o status civil do homem adúltero sendo universalmente irrelevante (DALY et al., 1982). Igualmente, como colocam os psicólogos evolucionários Margo Wilson e Martin Daly (2009), sociedades tradicionais desenvolveram inúmeras instituições mediante as quais maridos, pais e irmãos guardavam/guardam as suas esposas, filhas e irmãs das *garras* de outros homens: haréns protegidos por eunucos, isolamento extremo das mulheres, véus e outras formas de “vestimenta”, a prática da *pardah* etc.

Interessantemente, o artigo dos psicólogos faz parte da coletânea *Sexual Coercion in Primates and Humans* (2009), que desenvolve a teoria original de

18 Ver Rodseth e Novak (2009, p. 305).

19 O feminismo que focava, prioritariamente, na ação e escolha individual das mulheres para atingir igualdade social e política com os homens. Era a época em que as mulheres eram especialmente exortadas a conquistar seu lugar no mundo do trabalho e do poder, e se preciso não ter filhos.

Wilson e Daly de que este *sentimento de propriedade sexual*<sup>20</sup> pode ter sido uma adaptação psicológica da evolução do macho. Curiosamente, Wilson e Daly, entre outros, nos lembram de que estas práticas de isolamento feminino tipicamente se dirigiam/dirigem a mulheres em idade reprodutiva: meninas e mulheres mais velhas sempre desfrutaram de maior liberdade. Do mesmo modo, Rodseth e Novak (2009) identificam que a grande maioria das vítimas de estupro são mulheres em idade fértil. Ainda mais interessante é que, de maneira quase universal, a maior parte das vítimas de violência sexual conhecem os seus agressores; na verdade, em mais da metade dos casos são ou foram suas namoradas/esposas.<sup>21</sup>

Naturalmente, o argumento de que o estupro é uma estratégia reprodutiva masculina deve ser entendido dentro de um quadro muito mais complexo de *coerção sexual*. Como já vimos em relação aos primatas, as *táticas coercitivas*, que incluem, mas não se limitam ao estupro, podem ser um instrumento para os homens melhor garantir acesso sexual às mulheres no *longo-prazo*. Neste sentido, fica fácil entender por que a violência (sexual ou não) contra mulheres conhecidas, mormente namoradas/esposas, é muito mais comum do que contra estranhas: as estranhas não só são mais propensas a reagir a qualquer tipo de violência como estupros aleatórios têm uma probabilidade de concepção muito baixa.<sup>22</sup> O estupro, então, é a forma mais extremada de uma série de atitudes, incluindo intimidações, ameaças e espancamento, atitudes estas que, usando a definição de Smuts e Smuts (1993) de *coerção sexual* (ver acima), (i) aumentam a chance de que o homem possa ter filhos com aquela mulher no futuro e/ou (ii) diminuem a chance de que ela irá traí-lo com outro homem (lembrar que sob a ótica da sociobiologia o maior “medo” masculino é investir recursos em um filho que não seja biologicamente seu).

Parece estranho e nos causa mesmo repugnância pensar que o marido que bate em sua esposa está aumentando as suas chances reprodutivas com ela: esta assertiva parece subestimar em demasiado a capacidade de resistência feminina. De fato, como bem lembra Thompson (2009), a hipótese da coerção sexual como estratégia maximizadora de sucesso reprodutivo depende claramente de uma assimetria de poder entre machos e fêmeas. Esta assimetria, nos humanos, é tanto maior quanto (a) mais fracas forem as alianças femininas; (b) mais fortes forem as alianças masculinas; (c) mais isoladas estiverem

---

20 Este conceito foi primeiramente trabalhado pelos autores em artigo chamado *The man whom istook hiswife for a chattel* (WILSON e DALY, 1992).

21 Em três pesquisas norte-americanas citadas por Thompson (2009, p. 364), 50%, 62% e 74% das vítimas de estupro, respectivamente, já tinham tido relações sexuais com seus agressores.

22 Entre 1% e 18%, dependendo do estudo. Ver Thompson (2009, p. 363).

as mulheres de suas famílias; (d) maior for a competição por status entre os homens; e (e) menor o controle de recursos por parte das mulheres (SMUTS, 1992). É por isso que, em determinadas condições de fragilidade feminina, a violência ou a ameaça de violência pode, mormente através do medo, *desestimular* a mulher a contrariar o seu marido ou a tentar abandoná-lo. Posto de outro modo, em determinadas sociedades, principalmente quando as mulheres têm limitado acesso a recursos, os custos de se resistir à coação masculina podem ser maiores do que os custos da aquiescência: o estupro, na maioria dos casos, acaba nem precisando acontecer.

Desse modo fica claro como a *cultura*, nos humanos, pode reforçar a assimetria de poder proveniente da diferença de força física, *na natureza*. Entretanto, muitas das características supostamente culturais que encontramos em sociedades patriarcais tradicionais também são encontradas nos chimpanzés: culturas patrilocais, no sentido de que são as mulheres que migram e se isolam de sua família; alta competição por status entre os homens; mulheres sem acesso a recursos políticos e econômicos (nos chimpanzés isso é garantido pelo baixo status das fêmeas frente a todos os machos) etc. Percebe-se assim como *cultura patriarcal*, no fundo, revela características que na verdade representam uma *continuidade* das assimetrias já encontradas no *mundo natural*: a própria oposição entre cultura e natureza, tão clara no debate *Nature versus Nurture*, é assim despropositada. Também fica um pouco despropositado, desse modo, um debate central dentro do feminismo: se o estupro é um ato de desejo sexual ou um ato de poder, o último tornando-se a posição predominante desde que Susan Brownmiller publicou o clássico *Contra a Nossa Vontade: homens, mulheres e estupro* (1975).<sup>23</sup> O estupro, como sempre alegou Frans de Waal, envolve ao mesmo tempo sexo e violência, e não faz sentido – sob uma perspectiva evolucionária – pensar em sexo como um *impulso* fora do mundo do poder: sexo e violência são duas das mais proeminentes expressões da competição no *mundo natural dos genes egoístas*.

Por último, as teorias evolucionárias da coerção sexual nos levam a definir o patriarcado como um sistema de alianças entre machos que, parcialmente através do uso das instituições, dão aos homens uma habilidade coletiva para controlar as mulheres. A hipótese aqui é que as instituições refletem um *acordo*

---

23 Não podemos aqui revisar as principais obras deste debate, mas vale referenciar a crítica de Donald Symons a Brownmiller, em *Evolução da Sexualidade Humana* (1979). Nesta obra que hoje é um clássico, Symons critica a ideia de que o estupro não é sexualmente motivado. Outros dois exemplos deste grande debate são *A Natural History of Rape: biological bases of sexual coercion* (THORNHILL e PALMER, 2000) e *Evolution, Gender and Rape* (Ed. por Cheryl Travis, 2003), uma coletânea de artigos escrita em resposta às teorias sociobiológicas do estupro.

*implícito* entre os homens para que um não interfira nas táticas coercitivas do outro ou, como antes refletiam as leis de adultério, para que um não interfira na *propriedade sexual* do outro. Neste sentido, como colocou brilhantemente Barbara Smuts (1996), o casamento pode ser interpretado como uma instituição mediante a qual os homens decidem sobre direitos de acasalamento, respeitam (em princípio) a propriedade sexual do outro, protegem suas parceiras e os filhos delas da agressão de outros homens e ganham direitos para coagir suas próprias esposas com reduzida interferência de outros homens. Fazendo isso, os homens conseguem garantir a paternidade e ao mesmo tempo suavizar o grau de competição entre eles mesmos.<sup>24</sup> Ou ainda, eles conseguem levar a competição entre eles para outra arena, da economia e das corporações, onde correm menos risco físico do que numa disputa de força bruta.

Nesta perspectiva, as leis e instituições que impediam as mulheres de ter propriedade, de praticar poligamia, de votar, de participar da política, enfim, que as condenavam à esfera privada/doméstica, sempre serviram estrategicamente para diminuir o poder de resistência das mulheres às alianças entre os homens e assim otimizar as estratégias reprodutivas masculinas.<sup>25</sup> Portanto, não há dúvida de que o espaço privado/doméstico é historicamente o espaço onde a mulher – talvez ironicamente segundo a tradicional dicotomia entre o público e privado, no que tange aos papéis sociais do homem e da mulher – tem necessariamente menos liberdade e onde os homens reinam absolutos. É claro, a *body guardh ypothesis*,<sup>26</sup> segundo a qual fêmeas de várias espécies se submetem temporária ou permanentemente a determinado macho em troca da proteção que este pode oferecer a ela e seus filhos, parte do princípio de que as mulheres têm algo a ganhar com o casamento, isto é, parte do princípio de que sofreriam ainda maior violência se não fizessem essa *aliança* com determinado homem. E de fato, vários estudos mostram que mulheres solteiras/separadas/divorciadas correm mais risco de agressão e violência sexual do que mulheres casadas, incluindo abdução e infanticídio.<sup>27</sup> No entanto, a violência

---

24 O zoologista Hans Kummer (1995) mostrou como o patriarcado assim definido também ocorre no mundo dos babuínos-sagrados. Ele fez experimentos em que ficou claro como os machos que não se conheciam lutavam ferozmente por fêmeas, mas um macho se encontrava completamente inibido em interferir no “acasalamento” (bond) de uma fêmea com um macho familiar/do mesmo grupo.

25 O que, na definição de coerção de Smuts e Smuts (1993), significa a geração de algum custo reprodutivo para as mulheres.

26 Ver Sarah Mesnick (1997) para um tratamento da literatura especializada sobre a *body guardh ypothesis* em humanos e animais.

27 Embora seja muito mais comum que o agressor seja um ex ou namorado do que um desconhecido, não contradizendo assim o fato – como argumentamos anteriormente – de que as mulheres sofrem mais nas mãos de parceiros íntimos ou ex-parceiros do que nas mãos de desconhecidos. Ver, por exemplo, Wilson e Mesnick (1997) e Smuts (1996, p. 240).

contra mulheres solteiras ou *promíscuas/adúlteras* também pode ser compreendida dentro deste pacto masculino, porquanto uma vez que os homens começam a respeitar os privilégios sexuais de seus aliados, eles passam a ter carta branca para coagir sexualmente as mulheres que não são *de ninguém*, isto é, que não estão incluídas no pacto.

De qualquer forma, que as mulheres casadas também vivem sob o jugo da violência pode ser percebido facilmente no relato de Carol Jessop,<sup>28</sup> uma mulher americana que tentava escapar de uma seita poligâmica em que o abuso sexual era rampante. Carol descreveu como a polícia – cujos membros da área também pertenciam à seita – devolvia as mulheres que fugiam aos seus maridos. Além disso, relatou que havia um entendimento implícito entre os homens para não deixar as mulheres irem ao hospital sem a permissão dos maridos: os voluntários que dirigiam as ambulâncias eram todos membros de uma religião fundamentalista que exortava os membros a não interferir nos *assuntos domésticos* de outros homens. Estas situações podem parecer raras e inusitadas, mas elas ilustram bem o ponto de como um sistema policial, político, de saúde e judiciário dominado por homens pode deixar as mulheres totalmente impotentes e dependentes de outros homens, homens estes que ficam assim *moralmente* livres para brigar e fazer guerra no mundo público.

Conclusão: em busca de uma teoria evolucionária do patriarcado

Vimos que os homens competem entre si pela fertilidade feminina porque, dadas as suas estratégias reprodutivas, esta é um recurso limitado. É claro, não podemos estudar a competição por mulheres como se estas fossem um recurso passivo: se há uma aparente passividade, é preciso explicá-la. Aqui emprestamos de Patricia Gowaty (1997) o esquema que ela denominou de *Sexual Dialectics*, isto é, as estratégias, manipulações e contra-respostas de machos e fêmeas dentro do contexto do conflito sexual. Gowaty nos lembra, primeiramente, que quando as fêmeas – o sexo mais seletivo – escolhem livremente os machos com base em suas qualidades intrínsecas, não há nenhum conflito sexual (ou ele é negligenciável). No entanto, é fácil perceber que alguns machos não serão escolhidos pela seleção livre das fêmeas. Portanto, pelo menos alguns machos terão incentivos para controlar-manipular as fêmeas diretamente, e aí se inicia o conflito sexual. No esquema de Gowaty, alguns machos vão falhar em controlá-las diretamente (via violência explícita) e vão tentar, então, controlá-las indiretamente via *resource brokering*, isto é, via monopolização de recursos que são importantes para o sucesso reproduti-

---

28 Escape (Jessop. 2007). Citada em Diane Rosenfeld (2009, p. 430).

vo delas (para o sustento de seus filhos, por exemplo). Quando este controle indireto também falha, daí temos o *mundo perfeito*, em que as mulheres escolhem livremente e há menos incentivos para a violência.

É fácil usar os três estágios deste esquema de Gowaty como representantes de sociedades mais ou menos igualitárias entre machos e fêmeas. No primeiro estágio, temos o mundo da maior parte dos primatas, notadamente os chimpanzés, em que as fêmeas são regularmente agredidas e correm sério risco de infanticídio. Nos chimpanzés, as fêmeas dificilmente conseguem resistir à coerção sexual dos machos e por isso desenvolvem, no máximo, estratégias *secondbest* para conviver com ela, incluindo a submissão temporária a um ou mais machos dominantes (a *bodyguard dhypothesis*).

O segundo estágio corresponderia claramente ao que tradicionalmente interpretamos como *patriarcado*, nas sociedades humanas. Embora a violência física contra a mulher seja rotineiramente usada e também valha a *bodyguard dhypothesis*, os homens desenvolveram maneiras mais sofisticadas de diminuir os custos diretos da competição violenta entre eles mesmos e da resistência feminina. O que chamamos de patriarcado, então, *nada mais são* que *instituições mantidas por um pacto (implícito) entre homens para privar as mulheres de recursos econômicos e políticos e para garantir a propriedade sexual de cada homem sobre a sua esposa, assim diminuindo a competição violenta entre os homens*. Não é à toa que Smuts (1995), Smuts e Smuts (1993) e Parker (1987) sugeriram que as disputas por recursos entre homens (efetivamente o que entendemos por mundo público) representam uma espécie de coalizão masculina contra o controle feminino de sua própria reprodução, isto é, uma coalizão para manter as mulheres dependentes de recursos controlados pelos homens e, portanto, incapazes de exercer a sua liberdade sexual, a sua seletividade sexual. Sem autonomia, elas passam a legitimar o próprio patriarcado, pois precisam competir pela atenção e recursos dos homens dominantes.

Já o último estágio seria representado pela sociedade dos bonobos, os primos *pacíficos* dos chimpanzés: neles as fêmeas têm controle de recursos (são co-dominantes) e por isso podem exercer a sua sexualidade livremente; os machos que tentam coagi-las são *punidos* e não conseguem formar alianças. Mas no final, todos ganham, pois tanto machos como fêmeas vivem relativamente livres de violência.

Nosso modelo ajuda assim a explicar por que a dominação de mulheres por homens caminha junto com a dominação de homens por outros homens. Como colocou Smuts (1995), quando há, digamos, relações totalmente igualitárias entre os homens, nenhum homem consegue coagir eficazmente uma

mulher porque todos os outros terão poder (e interesse) em intervir. Isto tornará a coerção sexual insustentável e favorecerá aqueles homens voluntariamente escolhidos pelas mulheres. Novamente temos uma relação clara entre liberdade feminina, igualdade, e diminuição da violência. O problema, como se sabe, é que historicamente as mulheres não conseguiram desenvolver alianças para resistir à coação *dos que não foram escolhidos* ou *dos que queriam escolher demais*, o que levou à competição entre os homens e subsequentemente à criação de instituições que regulam essa competição mediante uma hierarquia de poder e recursos entre os homens: no nosso modelo é, portanto, a própria competição pelas mulheres que cria a dominação de muitos homens por outros. Mesmo hoje, nas sociedades modernas, onde já não há mais uma relação tão clara entre poder e sucesso reprodutivo, ainda seria possível identificar um forte legado desse comportamento adaptativo: os homens ainda competiriam e buscariam enriquecer em parte para conquistar mulheres (lembrar que a fertilidade feminina sempre será, por definição, um *recurso escasso* para os homens); e as mulheres ainda em parte demonstrariam preferência por homens com mais recursos, refletindo a sua ainda relativa dependência econômica.

Este modelo teórico do patriarcado explica, assim, aquilo que as pessoas mais progressistas sempre souberam intuitivamente: a libertação feminina também traz a libertação masculina. É claro, a libertação feminina significa necessariamente, neste modelo, um *custo reprodutivo* aos homens, pois foi para debelar a *seletividade feminina*, em primeiro lugar, que os homens estabeleceram instituições que privaram as mulheres do acesso a recursos chave para a sua autonomia. No entanto, ao mesmo tempo em que estas instituições diminuíram a competição violenta entre homens (o primeiro estágio do esquema de Gowaty), elas de modo algum a eliminaram completamente. Isto não poderia ser diferente porque as alianças entre os machos são geralmente instrumentos para administrar a competição: quando há menos competição, há menos incentivos para se fazer alianças. Por isso, terminamos este artigo lembrando aos leitores que, *se deixarmos as mulheres escolher* (empoderando-as, obviamente), os homens terão um custo reprodutivo inicial – pois dado o conflito entre as estratégias reprodutivas isto é logicamente inevitável –, mas todos ganharão com um nível muito menor de competição e violência. A verdade é que historicamente os homens sempre ganharam o conflito reprodutivo; já é hora de invertermos o cenário. De fato, em muitos sentidos essa inversão já começou e não por é acaso, portanto, que presenciamos hoje em várias mídias uma contrarrevolução anti-feminista que lamenta profundamente a perda desses privilégios históricos masculinos.

## Referências

- BROWNMILLER, S. **Against our Will: Men, Women and Rape**. Londres: Martin Secker & Warburg, 1975.
- CLARKE, P.; PRADHAN, G.; SCHAIK, C. V. Intersexual Conflict in Primates: Infanticide, Paternity Allocation, and the Role of Coercion. In: MULLER, M.; WRANGHAM, R. **Sexual Coercion in Primates and Humans: an evolutionary perspective on male aggression against females**. Cambridge: Harvard University Press, 2009.
- COUNTS, D. C.; BROWN, J.; CAMPBELL, J. (Orgs.). **Sanctions and Sanctuary: Cultural Perspectives on the Beating of Wives**. Boulder: Westview Press, 1992.
- DALY, M.; WILSON, M.; WEGHORST, S. J. Male Sexual Jealousy. **Ethology and Sociobiology**, 3, 1982.
- DAWKINS, R. **The Selfish Gene**. Oxford: Oxford University Press, 1976.
- DE WAAL, F. B. M. **Chimpanzee Politics: power and sex among apes**. Baltimore: John Hopkins University Press, 2007 (25<sup>th</sup> Anniversary Edition).
- DE WAAL, F. B. M. Apes from Venus: Bonobos and Human Social Evolution. In: DE WAAL, F. B. M. (Org.) **Tree of Origin: what primate behavior can tell us about human social evolution**. Cambridge: Harvard University Press, 2001.
- DE WAAL, F. B. M.; LANTING, F. **Bonobo: The Forgotten Ape**. Berkeley: University of California Press, 1997.
- DER DENNEN, V. (Evolutionary) Theories of Warfare in Preindustrial (Foraging) Societies. **Neuroendocrinology Letters**, v. 23, suppl. 4, 2002.
- DIAMOND, J. **The Third Chimpanzee: the evolution and future of the human animal**. Nova York: Harper Perennial, 2006.
- GOODALL, J. **My friends the wild chimpanzees**. Washington: National Geographic Society, 1969.
- GOWATY, P.A. Sexual Dialectics, Sexual Selection, and Variation in Reproductive Behavior. In: GOWATY, P. A. (Org.). **Feminism and Evolutionary Biology: boundaries, intersections and frontiers**. Londres: Chapman & Hall, 1997.
- HRDY, S. Infanticide among Animals: a review, classification and examination of the implications for reproductive strategies of females. **Ethology and Sociobiology**, v. 1, 1979.

- KNOTT, C. D. Orangutans: Sexual Coercion without Sexual Violence. In: MULLER, M.; WRANGHAM, R. **Sexual Coercion in Primates and Humans**, 2009.
- KUMMER, H. **In Quest of the Sacred Baboon: A Scientist's Journey**. Princeton: Princeton University Press, 1995.
- MESNICK, S. L. Sexual Alliances: evidence and evolutionary implications. In: GOWATY, P. A. (Org.). **Feminism and Evolutionary Biology: boundaries, intersections and frontiers**. Londres: Chapman & Hall, 1997.
- MORRIS, I. **War, what is it good for? The role of conflict in civilization, from primates to robots**. Londres: Profile Books, 2014.
- MULLER, M.; KAHLENBERG, S.; WRANGHAM, R.. Male Aggression against Females and Sexual Coercion in Chimpanzees. In: MULLER, M.; WRANGHAM, R. **Sexual Coercion in Primates and Humans**, 2009.
- PALOMBIT, R. "Friendship" with Males: a female counterstrategy to infanticide in Chacma Baboons of the Okavango Delta. In: MULLER, M.; WRANGHAM, R. **Sexual Coercion in Primates and Humans**, 2009.
- PARKER, S. T. A sexual selection model for hominid evolution. **Human Evolution**, v. 2,1987.
- PINKER, S. **The Better Angels of our Nature: why violence has declined**. New York: Viking Books, 2011.
- PUSEY, A. E. Of Genes and Apes: Chimpanzee Social Organization and Reproduction. In: DE WAAL, F. B. M. (Org.). **Tree of Origin: what primate behavior can tell us about human social evolution**. Cambridge: Harvard University Press, 2001.
- RODSETH, L.; NOVAK, S. A. The Political Significance of Gender Violence. In: MULLER, M.; WRANGHAM, R. **Sexual Coercion in Primates and Humans**, 2009.
- ROSCOE, P. Intelligence, coalitional killing, and the antecedents of war. **American Anthropologist**, v. 109, 2007.
- ROSENFELD, D. Sexual Coercion, Patriarchal Violence, and Law. In: MULLER, M.; WRANGHAM, R. **Sexual Coercion in Primates and Humans**, 2009.
- SMITH, D. L. **The Most Dangerous Animal: Human Nature and the origins of War**. Nova York: Saint Martin Press, 2007.
- SMUTS, B. B. The evolutionary origins of patriarchy. **Human Nature**, v. 6, 1995.

- SMUTS, B. B.; SMUTS, R. W. Male aggression and sexual coercion of females in nonhuman primates and other mammals: evidence and theoretical implications. **Advances in the study of behavior**, v. 22, 1993.
- SMUTS, B. B. Male Aggression against Women: an evolutionary perspective. **Human Nature**, v. 3, 1992.
- SMUTS, B. B. Male aggression against women: an evolutionary perspective. In: BUSS, D.; MALAMUTH, N. (Orgs.). **Sex, Power, Conflict: evolutionary and feminist perspectives**. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- SWEDELL, L.; SCHREIER, A. Male Aggression toward Females in Hamadryas Baboons: conditioning, coercion and control. In: MULLER, M.; WRANGHAM, R. **Sexual Coercion in Primates and Humans**, 2009.
- SYMONS, D. **The Evolution of Human Sexuality**. Oxford: Oxford University Press, 1979.
- THOMPSON, M. E. Human Rape: revising evolutionary perspectives. In: MULLER, M.; WRANGHAM, R. **Sexual Coercion in Primates and Humans**, 2009.
- THORNHILL, R.; PALMER, C. **A Natural History of Rape: biological bases of sexual coercion**. Cambridge: MIT Press, 2000.
- TRAVIS, C. B. (Org.). **Evolution, Gender, and Rape**. Cambridge: MIT Press, 2003.
- TRIVERS, R. L. Parental Investment and sexual selection. In: CAMPBELL, B. (Org.). **Sexual Selection and the Descent of Man, 1871-1971**. Chicago: Aldine, 1972.
- WATSON-CAPPS, J. J. Evolution of Sexual Coercion with Respect to Sexual Selection and Sexual Conflict Theory. In: MULLER, Martin; WRANGHAM, Richard. **Sexual Coercion in Primates and Humans**, 2009.
- WILSON, E. O. **Sociobiology: the new synthesis**. Cambridge: Harvard University Press, 1975.
- WILSON, M.; DALY, M. Coercive violence by human males against their female partners. In: MULLER, M.; WRANGHAM, R. **Sexual Coercion in Primates and Humans**, 2009.
- WILSON, M.; DALY, M. The Man who mistook his Wife for a Chattel. In: BARKOW J. H.; COSMIDES L.; TOOBY J. (Orgs.). **The Adapted Mind: evolutionary psychology and the generation of culture**. Nova York: Oxford University Press, 1992.

- WILSON, M.; MESNICK, S. L. An Empirical Test of the Bodyguard Hypothesis. In: GOWATY, P. A. (Org.). **Feminism and Evolutionary Biology: boundaries, intersections and frontiers**. Londres: Chapman & Hall, 1997.
- WRANGHAM, R. Evolution of coalitionary killing. **Yearbook of Physical Anthropology**, v. 42, 1999.
- WRANGHAM, R.; PETERSON, D. **O Macho Demoniaco: as origens da agressividade humana**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

Recebido em janeiro de 2016.

Aprovado em novembro de 2016.

